

The book cover features a light gray background with a subtle floral pattern. Two vertical red stripes are positioned on the left and right sides. A central white rectangular area is framed by a double black border. The title is centered within this white area.

Poemas da Literatura
brasileira

Divisão da Literatura Brasileira

A literatura brasileira é subdividida em duas grandes eras que acompanham a evolução política e econômica do País. A Era Colonial e a Era Nacional são separadas por um período de transição que corresponde à emancipação política do Brasil. As datas que delimitam fim e início de cada era são, na verdade, marcos onde acentua-se um período de ascensão e outro de decadência. As eras são divididas em escolas literárias, também chamadas de estilos de época.

Era Colonial A Era colonial da literatura brasileira começou em 1500 e vai até 1808. É dividida em Quinhentismo, Seiscentismo ou Barroco e o Setecentismo ou Arcadismo. Recebe esse nome pois nesse período o Brasil era colônia de Portugal.

Também conhecidos como escolas, correntes ou movimentos, os períodos literários correspondem a fases histórico-culturais em que determinados valores estéticos e ideológicos resultam em na criação de obras mais ou menos próximas no estilo e na visão do mundo.

QUIENHETISMO

Principais autores:

Pero Vaz de Caminha (1450–1500).

**Padre José de Anchieta ou São José de Anchieta
(1534-1597)**

Pe. Manuel de Nóbrega (1517-1570)

Poema de padre José de anchieta:

Jesus na manjedoura

**- Que fazeis, menino Deus, Nestas palhas
encostado? - Jazo aqui por teu pecado. - Ó menino
mui formoso, Pois que sois suma riqueza, Como
estais em tal pobreza? - Por fazer-te glorioso E de
graça mui colmado, Jazo aqui por teu pecado. {...}**

BARROCO:

Principais autores:

Bento Teixeira (1561-1618)

Gregório de Matos (1633-1696)

Manuel Botelho de Oliveira (1636-1711)

Poema de Gregorio De Matos

Todo O todo sem a parte não é todo; A parte sem o
todo não é parte; Mas se a parte o faz todo sendo
parte, Não se diga que é parte, sendo todo.

ARCADISMO

Principais autores:

José Inácio de Alvarenga Peixoto (1743-1792)

Frei José de Santa Rita Durão (1722-1784)

Cláudio Manuel da Costa (1729-1789)

Poema de Cláudio Manoel da costa:

Soneto

{...} Estes os olhos são da minha amada, Que belos,
que gentis e que formosos! Não são para os mortais
tão preciosos Os doces frutos da estação dourada. Por
eles a alegria derramada Tornam-se os campos de,
prazer gostosos. Em zéfiros suaves e mimosos Toda
esta região se vê banhada. Vinde olhos belos, vinde, e
enfim trazendo Do rosto do meu bem as prendas
belas, Dai alívio ao mal que estou gemendo. {...}

ROMANTISMO

PRINCIPAIS AUTORES:

Aluísio Azevedo (1857-1913)

Álvares de Azevedo (1831-1852)

Casimiro de Abreu (1837-1860)

Castro Alves (1847-1871)

Gonçalves Dias (1823-1864)

José de Alencar (1829-1877)

Machado de Assis (1839-1908)

Poema de Álvares de Azevedo

Se eu morresse amanhã

Se eu morresse amanhã, viria ao menos Fechar meus
olhos minha triste irmã, Minha mãe de saudades
morreria Se eu morresse amanhã! Quanta glória
pressinto em meu futuro! {...}

REALISMO

PRINCIPAIS AUTORES:

Gustave Flaubert (1821 – 1880)

Charles Dickens (1812 – 1870)

Eça de Queiroz (1845 – 1900)

Guy de Maupassant (1850 – 1893)

Machado de Assis (1839 – 1908)

Aluísio de Azevedo (1857

Poema de Machado de Assis

A uma senhora que me pediu versos
Pensa em ti mesma, acharás
Melhor poesia, Viveza, graça, alegria,
Doçura e paz. Se já dei flores um dia,
Quando rapaz, As que ora dou têm
assaz Melancolia. Uma só das horas
tuas Valem um mês Das almas já
ressequidas. Os sóis e as luas
Creio bem que Deus os fez
Para outras vidas.

TROVOADORISMO

principais autores:

Ricardo coração de Leão

Afonso Sanches

João zorro

Paio Soares

Martim codax

"Cantiga de Amor" de Bernardo Bonaval :

"A dona que eu amo e tenho por Senhor amostra-me-a Deus, se vos en prazer for, se non dade-me-a morte. A que tenh'eu por lume d'estes olhos meus e porque choran sempr(e) amostrade-me-a Deus, se non dade-me-a morte. Essa que Vós fizestes melhor parecer de quantas sei, a Deus, fazede-me-a veer, se non dade-me-a morte. A Deus, que me-a fizestes mais amar, mostrade-me-a algo possa con ela falar, se non dade-me-a morte."